3.º ANNO — Sexta-feira, 2 de Dezembro de 1910 — NUMERO 146

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)
Anno (Portugal e colonias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo
Editor — ALBERTO SOUTO

ANNUNCIOS
Por linha . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

LIÇÃO DE HISTORIA

Restauração de 1640

Durante sessenta annos, esteve Portugal sujeito aos reis de Castella, aggravando-se a nossa decadencia moral e material, perdendo-se muitas das nossas melhores colonias em proveito dos hollandezes, inglezes e persas, e soffrendo os portuguezes amiudados vexames, que lhes estimularam os brios amortecidos e predispuseram a restauração da independencia nacional de 1640.

Sobretudo, nos ultimos annos d'aquelle nefasto periodo, a dominação castelhana pesou duramente sobre os portuguezes.

De 1634 a 1640, foi o governo de Portugal exercido pela duqueza de Mantua, em nome de seu primo Filippe IV de Hespanha. A duqueza governava despoticamente, e o seu despotismo mais odiado se tornara pela circunstancia de ser seu secretario um portuguez, Miguel de Vasconcellos, que ligava o seu nome e a sua responsabilidade aos vexames, de que eram victimas os seus compatriotas.

* * *

O povo começou a protestar contra os vexames e a oppressão, embora uma parte da nobreza e dos mais poderosos senhores do reino se mostrassem indifferentes, pelo menos na apparencia, e a outra parte se houvesse bandeado com os castelhanos.

Logo em 1637, o povo de Evora, á voz de um cuteleiro e de um borracheiro, expulsou o corregedor, delegado de Castella, incendiou-lhe a casa, e formou um governo popular, que ali deu ordens por muito tempo, sendo essas ordens assignadas com o nome de um louco, conhecido por Manuelinho de Evora.

No anno seguinte, era suffocado esse movimento popular, mas não se suffocou o descontentamento geral; e uma parte da nobreza resolveu-se emfim a associar os seus clamores aos do povo, planeando a restauração da independencia.

O momento era asado para a revolta. A Hespanha já não tinha á sua frente um monarcha terrivel e poderoso como Filippe II; a revolução que, a esse tempo, se ateára na Catalunha prendia-lhe a attenção e dizimava-lhe os recursos; e a França cravava-lhe difficuldades em toda a parte e incitava a revolta dos catalães e dos portuguezes.

Tramou-se pois a conspiração contra Castella; mas parece que os conspiradores se preoccupavam menos com a acclamação de um principe portuguez, do que com a libertação do jugo castelhano.

Trineto de D. Manuel, o oitavo duque de Bragança, D. João, era naturalmente indicado para subir ao throno, chamado pela revolução. Mas o duque não fruia a confiança de todos os conjurados; era timido e pouco sympathico; acceitára mercês e cargos de Filippe IV, e corria-se perigo em communicar a D. João o plano dos conspiradores, conhecendo-se o animo irresoluto do duque. Alguns dos conspiradores chegaram até a aviltrar a proclamação da republica, seguindo-se o exemplo da Hollanda; mas na maioria dos fidalgos conjurados prevaleceu a ideia de se manter a tradição monarchica.

Estava-se nos ulimos dias de novembro de 1640, quando um dos conspiradores, o dr. João Pinto Ribeiro, advogado da casa de Bragança, pôde aplanar as difficuldades, que a irresolução e timidez do duque suscitavam á revolução.

Por um lado, o tacto e o saber de Pinto Ribeiro, e por outro a salutar a energica influencia da mulher do duque, D. Luiza de Gusmão, que, apezar de castelhana, ambicionava vivamente a independencia de Portugal, actuára efficazmente no espirito do duque de Bragança, que deu afinal a sua adhesão ao plano dos conspiradores.

* * *

Marcou-se o dia da revolta; e, na vespera, a condessa de Atouguia, D. Filippa de Vilhena, chamou os seus dois filhos, armou-os cavalleiros, e mandou-lhes que se associassem aos conspiradores, para adquirirem a independencia da patria ou morrerem por ella. De igual abnegação e patriotismo deu provas D. Mariana de Lencastre, que, para o mesmo fim, armou cavalleiros seus filhos Antonio e Fernão Telles da Silva.

Eram numerosos os conspiradores, sobresahindo entre elles os doutores Sanches Baena e Pinto Ribeiro e muitos dos mais distinctos fidalgos portuguezes, como D. Antão e D. Miguel de Almada, D. João da Costa, o conde de Atouguia, D. Carlos de Noronha, Sancho de Saldanha, Jorge de Mello e outros.

No dia 1 de dezembro de 1640, os conspiradores, que se haviam reunido no palacio de D. Antão de Almada, soltaram o grito da revolução, a que o povo se associou com indescriptivel enthusiasmo, sendo freneticamente acclamado rei de Portugal o duque de Bragança.

Os revoltosos dirigiram-se ao paço da Ribeira, obrigaram a regente, duqueza de Mantua, a assignar uma ordem para que o Castello de S. Jorge adherisse á revolta, tiraram-lhe o governo e recolheram-na no convento de Xabregas.

O miseravel secretario da regente, o degenerado portuguez Miguel de Vasconcellos, ao sentir os rumores da revolta, escondera-se n'um armario do paço; mas, denunciado por uma escrava, foi apunhalado, e o seu cadaver arremessado pelas janellas e arrastado pelas ruas, entre ondas de povo.

A revolução alastrou-se pelo reino, e, tendo decorrido seis dias sem que as forças da Espanha a suffocassem, o duque de Bragança saíu de Villa Viçosa para Lisboa, acceitando a corôa que lhe não custára a ganhar.

* * *

A independencia de Portugal foi logo reconhecida por varias potencias estrangeiras, entre as quaes cumpre especialisar a França, a Inglaterra, a Hollanda e a Suécia; mas a Hsspanha não perdera a esperança de inutilisar a revolução e rehaver este reino; e, talvez por suggestões da duqueza de Mantua, logo em 1641 se urdiu entre fidalgos portuguezes uma conspiração contra a vida de D. João IV.

Descoberta, porém, a conspiração, foram decapitados no Rocio o marquez de Villa Real, seu filho o duque de Caminha, o conde de Armamar, e D. Agostinho de Vasconcellos, e enforcados e esquartejados outros conspiradores. Seis annos depois, veio de Madrid a Lisboa um sicário, Domingos Leite, que trazia a incumbencia de assassinar o rei na procissão do corpo de Deus. Foi, porém, denunciado e pagou com a vida a sua criminosa tentativa.

* * *

Entretanto, a Hespanha reunira forças para disputar o reino a D. João IV, e empenhava-se uma guerra que durou 28 annos, a chamada *guerra da restauração*.

Por parte da Hespanha, o conde-duque de Olivares acommetteu-nos froixamente, sendo derrotado por Mathias d'Albuquerque em territorio hespanhol, na batalha de Montijo. Um pouco mais tarde, em 1658, os portuguezes sob o commando de D. Sancho Manuel, defenderam heroicamente a praça de Elvas contra um numeroso exercito hespanhol, pouco depois derrotado no combate das linhas de Elvas pelo marquez de Marialva.

Os hespanhoes, sob o commando do excellente general D. João de Austria, ainda nos conquistaram algumas terras do Alemtejo; mas em 1663 eram vencidos no Ameixial por D. Sancho Manuel, já então conde de Villa Flor, e em 1665 o marquez de Marialva ganhava contra elles a estrondosa victoria de Montes-Claros.

Em 1668, a Hsspanha viu-se obrigada a celebrar comnosco um tratado, em que teve de reconhecer a independencia de Portugal.

Eis a data que hontem se commemorou.

C. de Figueiredo.

Coisas & tal

Tolstoi

D'esta vez não offerece duvidas. O grande pensador russo, conhecido e admirado em todo o mundo como um verdadeiro homem de genio, morreu.

Que nos conste não deixa successor nas lettras o que não quer dizer que em Aveiro não tenha quem o emite nas barbas—é o sr. Jayme de Magalhães Lima.

Só n'isso.

Trabalhos

Dizem-nos que vão muito adiantados os trabalhos para o novo centro do *corno e da ferradura*, fundado pelo *Capirote*, não tendo tido mãos a medir nem um momento de descanço para que seja inaugurado breve, o membro da commissão do *fundo de propaganda*, Francisco Augusto da Silva Rocha, director e professor da Escola Industrial.

Ninguem calcula como estamos anciosos porque chegué esse dia.

Arranja isso depressa, ó Chico!...

Uma explicação

Ao assignante que nos interpella sobre as bases que temos para affirmar, como affirmámos, que não foi o sr. tenente Calheiros o *official do exercito* da guarnição d'Aveiro que contribuiu com 3$000 réis para o *fundo de propaganda* do pasquim capirotace, cumpre-nos objectar que, quando não tivessemos outras, tinhamos a palavra d'honra d'esse militar que aqui nos veio dizer ser falsa a arguição que lhe faziam, por quanto nunca foi habito seu esconder-se ou fugir á responsabilidade dos actos que pratica.

Até que prova se faça em contrario a nossa obrigação é, pois, acreditar nas affirmações do sr. Calheiros como sendo as d'um homem d'honra, digno de todo o credito.

Fica satisfeito o amigo do *Democrata*?

Proseguindo

O governo fez publicar um decreto em que estabelece que as forças do exercito e da armada não tenham intervenção directa ou indirecta em qualquer solemnidade religiosa, a menos que sejam requestadas por auctoridade competente, civil ou militar, para manter a ordem.

Veio mesmo ao pintar da amora para os carolas d'Aveiro, terra das procissões, que davam o cavaquinho por verem a tropa atraz do *Jesus-Hostia*...

E agora?...

E' cêdo

O nosso collega do Lisboa, *A Democracia*, julgando prejudicial para a Republica, por varios motivos que aponta, a demora na convocação da Constituinte, appella desde já para as eleições o que nos leva a crer o que o collega desconhece inteiramente o que vae pela provincia. Porque a verdade é esta: o governo que tem feito muito, ainda não olhou para o resto, que consiste no aniquillamento do caciquismo que desenfreadamente impéra em alguns districtos, sem exclusão do de Aveiro a que pertencem os *Bécos* e a velha raposa de Anadia.

Eleições n'estas alturas e sem que primeiro se proceda a um rigoroso saneamento, entendêmos que é um desastre para o partido republicano, que o governo de fórma alguma deve expôr á lucta com monarchicos de má morte.

Faça-se primeiro o saneamento, reforme-se a lei eleitoral e depois então sim, vamos ás eleições como deseja a *Democracia*.

Por emquanto é cêdo.

Intriga

Campeia, desenfreada e petulante, a intriga n'esta cidade. Gente sem convicções, almas pequeninas, vis e interesseiras, sem titulo algum que a possa impôr á consideração dos que acima de tudo collocam os principios democraticos, fervilha ahi por todos os cantos tentando os mais audaciosos commettimentos com a mira unica e exclusiva em futuros empregos ou honrarias que lhe dê importancia e satisfaça a stulta vaidade do mando.

Nunca imaginámos que tal acontecesse n'esta occasião. Enganámo-nos, porém. Mas para a semana, se as coisas continuarem no mesmo pé, contem os intriguistas que nos terão á perna para lhes descobrirmos o jogo.

Ficamos de atalaia.

Uma carapuça

O sr. dr. Jayme Lima, que agora voltou ás lides da imprensa, define, em geral, n'um artigo inserto na *Vitalidade* da semana passada, o acto da tentativa d'adhesão do famigerado conde d'Agueda e da sua grei, com as seguintes palavras, que registamos:

....

> «Houve, é certo, uma chusma d'especuladores das cousas publicas, que se apressou a jurar fidelidade á republica na esperança de continuar na exploração da sua fazenda, tal qual o usavam na vigencia das instituições monarchicas.
>
> Mas quantos foram esses? Uma minoria infima!»

....

Perfeitamente d'accordo. Só lhe faltou pôr o nome...

Fóra!

Ainda é director da Escola Districtal o sr. Duarte Mendes da Costa, que para aqui veio contra o voto unanime dos republicanos, que continuam a protestar contra a sua estada n'aquelle logar para que não tem competencia nem auctoridade, como já demonstrámos.

Ao sr. dr. João de Barros pedimos de novo a sua immediata intervenção n'este caso, já que por sentimento de piedade para com o professor visado, que se acha doente e longe da terra, não queremos hoje dizer o muito que sabemos d'elle e que ha-de vir a lume se antes d'isso o governo o não transferir confórme o desejamos e, comnosco, todo Aveiro.

Álerta está...

O *Campeão* persagiando perturbações tendentes a crear estorvos á marcha da Republica pela qual agora tantas lanças quebra, escreve no seu n.º de quarta-feira:

> A'lerta, homens de convicções sinceras. A'lerta, homens que presaes o vosso nome e o nome da vossa patria. Fóra com estes modernissimos echacórvos, que prégam doutrinas erroneas. A sua liberdade e a sua fraternidade são palavras cuja significação só elles sabem. Não está no diccionario da lingua.

Só elles, não; o *Campeão* tambem tem uma larga escola que lhe permitte até ser considerado como mestre na arte de governar a vida com todos. Haja vista o que disse da Republica ainda ha pouco e o que díz agora. Mas descance que pela nossa parte não nos encontrará nunca a dormir quando bradar *álerta* contra os *modernissimos echacórvos*. Acordados e bem acordados lhe responderemos sempre—*álerta está... passe de largo*...

APOIADO

Vem a tempo e a proposito o artigo que abaixo vamos transcrever da secção *Berros* do jornal de Machado dos Santos, o *Intransigente*. A tempo porque vem em occasião propria, n'aquella em que certos sugeitos, fingindo terem-se esquecido do que foram dentro da monarchia, se apressam a alistar-se nas fileiras republicanas calculando continuar em breve a mesma vida que tiveram, suja e crapulosa, dentro das instituições decahidas; a proposito, porque é uma ripada em cheio dada em todos os *Mijaretas*, em todos os *Bécos*, em todos desvergonhados que por esse paiz fóra abundam e que é preciso desmacarar, pôr a descoberto para que a opinião publica os julgue, para que os sincéros republicanos se afastem d'elles escarrando-lhes na cara se tanto fôr preciso.

O *Intransigente* era ainda ha pouco o jornal predileto da cambada ignobil que d'Aveiro tinha feito um feudo, dispondo d'isto como coisa sua. Hoje, porém, depois das declarações ultimas do intrepido militar que o dirige, as caras são outras e o *Intransigente* já não é tão citado. Percebe-se bem o motivo. Percebemo-lo nós, percebe-o toda a gente que conhece os processos de que se serviam, para nos atacar, os ex-defensores da monarchia.

Mas demos a palavra ao *Intransigente*, que elle diz tudo, mormente nos periodos que por nossa conta destacamos em normando para que se veja como a carapuça está bem talhada:

«Assentemos no seguinte: são repugnantes os homens que se vendem. Causam-nos nojo. Mechem-nos com os nervos. A grande crise, em Portugal, é indubitavelmente uma crise de caracter. Voltamo-nos para um lado, fugimos para outro, encontramos sempre muita baixeza, muita indignidade, muito cynismo. Os homens honrados vivem n'uma atmosphera asphixiante. E é difficil viver-se assim. Quem resistir a todas as influencias deleterias do meio, é, sem contestação, uma creatura singular. Trabalhemos unidos, pela patria—gritam os ingenuos. Sim, trabalhemos, mas guardemol-a bem, dedicadamente, vigiando tudo, porque o numero d'aquelles que a podem perder é grande, é immenso.

Ha por ahi muita gente que foi monarchica e hoje é republicana. Nem todos são despreziveis, nem todos são miseraveis. **Despreziveis são aquelles que sendo monarchicos ferrenhos, defendendo calorosamente o rei, agarrando-se ás instituições, vivendo á custa de ellas, chupando honrarias, chupando proventos, deixaram de**

ser monarchicos quando a monarchia cahiu ruidosamente. Despreziveis são esses homens. Despreziveis e abjectos. Nenhum d'elles se lembrou que jamais lhe perdoaremos a indignidade do seu procedimento. Porque não se perdoam infamias nem falhas de caracter.

Hoje, como hontem, ámanhã como sempre, nós combateremos vigorosamente esses **colossaes farçantes.** Peor que a existencia da monarchia seria a nossa coligação com essa gente **sem escrupulos de consciencia.** Peior, muito peior. Porque tal facto, a dar-se, significaria a deshonestidade do partido republicano. E nós não consentiremos nunca que o partido de que fazemos parte possa receber uma offensa justificavel. O partido republicano tem de ser honesto. E ha-de sel-o porque assim o querem todos aquelles que d'elle fazem parte. Ninguem tem o direito de contrariar a vontade do povo republicano. Ninguem por muito alto que esteja collocado E ninguem terá, tambem, a ousadia de o levar por mau caminho.

Quando notarmos esse proposito protestaremos com energia. Não o faremos por exhibicionismo nem por calculo. Fal-o-hemos por necessidade. Porque se muitos nos ultrapassam em intelligencia, em illustração, no conhecimento da thecnica jornalistica, nenhum, nenhum nos ultrapassa no amor forte e intenso, leal e justo, dedicado e merecido, a essa gloriosa terra portugueza».

A festa da Bandeira

Apezar do dia verdadeiramente invernoso e humido, á hora da alvorada, depois de queimados muitos foguetes, a phylarmonica dos Bombeiros percorreu as ruas da cidade executando a *Portugueza.*

Cerca das 11 horas realisou-se o cortejo, que o estado desgraçado e lamacento das ruas, junto com a chuva miuda e impertinente, não permittiu que pudesse manter a ordem necessaria em prestitos d'esta natureza.

Abria a marcha um piquete de cavallaria, seguido pela Camara, com o seu estandarte, philarmonica e Bombeiros, todas as associações locaes, algumas com os seus estandartes, commissões municipal e parochiaes, funccionarios publicos de todas as repartições, academia, escolas centraes e primarias numerosamente representadas, um carro elegantemente ornamentado com diversas armas nossas e gentilicas, a bandeira portugueza de 1640, uma esphera com o escudo e um soberbo busto da Republica, trabalho devido ao sr. Carlos Mendes, que mais uma vez provou as suas reconhecidas aptidões artisticas, etc.

Segue-se toda a officialidade de cavallaria e infanteria, que precede a banda do 24, e toda a força disponivel, tanto do esquadrão como do regimento representado por um numeroso contingente.

No atrio do edificio da camara ao dissolver-se o cortejo todas as creanças cantam com as suas vozes argentinas e frescas o hymno da Bandeira e a *Portugueza*, seguindo-se depois, n'um côro formidavel e imponente, um avultado numero de soldados que entoam tambem a *Portugueza.*

Cerca da 1 hora realisa-se no salão da bibliotheca do lyceu a sessão solemne e inauguração do retrato do sabio professor e presidente do governo da Republica, o dr. Theophilo Braga.

O limitado espaço de que dispomos não nos deixa reproduzir ao menos uma sumula dos discursos que ouvimos e que bastantes applausos receberam da assistencia que enchia por completo o vasto salão.

Abriu a sessão o sr. dr. Alvaro de Moura, reitor do lyceu, que depois de enaltecer a ideia da festa, devida aos distinctos estudantes, alumnos de aquella casa agradeceu a honra da sua escolha para inaugurar os trabalhos.

Tem palavras de elogio para os nossos grandes poetas e historiadores e a seguir convida a presidir o sr. Secretario Feral, na ausencia do governador civil, que é secretariado pelo presidente da camara e commandante militar.

Fallou depois, brilhantemente, como sempre, o nosso querido amigo e companheiro, Alberto Souto, seguindo-se os srs. dr. Cherubim Guimarães, Ruy da Costa, dr. Joaquim de Mello, presidente da academia, recitando por ultimo uns versos, o alumno da 1.ª classe, Regalla de Vilhena.

O retrato que, coberto pela bandeira da Academia, foi descerrado pelo sr. Secretario Geral, está n'uma magnifica moldura, sendo saudado por uma prolongada salva de palmas e vivas ao presidente do governo.

Na Escola Normal tambem houve uma sessão commemorativa onde fallou Alberto Souto e professores d'aquella escola. O persistente mau tempo e a chuva constante evitou que se cumprisse o resto do programma.

Antes de terminar não podemos deixar de protestar contra a selvageria que se praticou, atormentando todos, e nomeadamente os pobres doentes do hospital, com o badalar incessante, sem a mais leve significação, dos sinos do edificio da camara.

N'uma terra com foros de cidade, não se auctorisa nem se consente um facto d'esta ordem.

A quem competir pedimos que, d'uma vez para sempre, se acabe com aquella ridicula e encommoda costumeira que só depõe... contra todos.

CORRE
DE BOCCA EM BOCCA:

Que foi um dia de juizo entre as meninas admiradoras e devotas do Salomãosinho, a noticia do... passeio.

—Que quando chegou a nova da partida para Cantanhede, todas queriam acompanhal-o.

—Que para outra qualquer parte não se ralariam tanto, mas

—Que sósinho para lá, não podia ser de forma alguma.

—Que as devotas sinceras marchariam tambem porque preferiam... Cantanhede.

—Que foi pasmosa a scena patetica que se deu com a mais... sincera.

—Que teve grave abalo com não menos grave perturbação mental.

—Que esteve tres dias e tres noutes sem dar accordo de si... nem dó...

—Que entre os monosylabos pronunciados se ouviam sempre syllabas...

—Que escutadas com cuidado davam invariavelmente, Sá... ló... mão!

—Que está tambem inconsolavel a Maria do Cantoneiro lá do logar.

—Que já não ouvirá dos labios sagrados d'aquelle *santinho*, palavras doces, nem aquella phrase immorredoura: *Maria, esses olhos são de Deus!...*

—Que tantas vezes, em extasi, o lyrico levita assim dissera, tardiamente as ouviria.

—Que mais se congregam as filhas do Senhor para vencerem o governo da heresia.

—Que se precisarem do nosso appoio... francamente o daremos...

—Que tudo que estiver na nossa mão está nas d'ellas...

—Que o *Gabriel* do *Progresso* dá sempre conta da sua pessoa, que é um pimpão.

—Que desde bem novo, sempre foi muito esperto o rapazinho.

—Que já em Coimbra deu muita *prova*... do seu saber.

—Que agora *Gabrielsinho* diz logo onde está o *senhor* d'Agueda, sem enganar-se.

—Que por fallar no *nobre conde* se diz que está a escrever muito a varios amigos.

—Que alguns d'elles torcem o nariz porque para ahi não estão virados.

—Que temos uma d'essas cartas promettidas e aqui a estamparemos para edificação das gentes.

—Que por ella se ha-de avaliar da lealdade da tentativa d'adhesão.

—Que o *immediato*, notario, tambem anda fazendo pedidos e distribuindo dinheiro.

—Que ainda ha dias, um *titular*, sem titulo, apanhou 1$200 réis.

—Que a seguir tomou o compromisso de votar e trabalhar nas eleições, com o sr. doutor.

—Que isto está a pedir vassoura municipal como as creanças a emulsão.

—Que se tem de metter tudo no são, custe o que custar.

—Que já foi um para Leiria, outro para a guarda, mas deve seguir a procissão.

—Que ha muita terrinha disponivel e boa pelo Alemtejo e Algarve.

—Que é despachar com elles para onde não façam perca nem damno.

—Que o *Mijareta* e outros affirmavam nos dias da revolução que, vingando ella, emigrariam.

—Que se tem de tornar verdadeira a sua prophecia.

—Que isto de pannos-quentes é que não póde continuar.

—Que *Alquerubim Duval*, como quem não quer a coisa, dá uma *grandessissima* ferroada nas *salvas do Campeão.*

—Que nem mais nem hontem reproduz um artiguelho laudatorio, quando da visita do rei-menino.

—Que approximando *estas duas epochas quer apenas estabelecer contrastes.*

—Que *hoje enrouquecem aos vivas á Republica muitos dos que se curvavam em salamaleques ao rei.*

—Que sempre gostámos a valer de uma bisca bem puchada.

—Que *Duvalsinho* por esta, merece que se lhe marquem *duas á preta.*

—Que o caso do padre Pato vem, por outro padre, cantado em verso.

—Que vamos a vêr no fim quem melhor canta.

—Que quem aconselha não paga custas.

—Que sendo o caso já levado a rir, rir-se-ha melhor aquelle que se rir por ultimo.

—Que se o *pato* ainda grosna por Arada, nós bem sabemos porque.

—Que applicada por lá a receita dada ao d'Arcozelo, não era preciso agarral-o, bastava então um só a... impôl-o...

—Que d'esta vez não rima mas é absolutamente verdade.

—Que o *Mijareta* ficou com o rabo cortado na esperteza da... commissão.

—Que se o do *arroz de tomate* deixasse o *Macedinho* fallar, havia d'ouvir boas e bonitas.

—Que ao *Mijareta*, a girandola final, só serviu para desmascaral-o.

—Que elle mesmo se encarrega de provar que é um trampolineiro dos quatro costados.

REUNIÃO

A convite do nosso director reuniu na segunda-feira no *Centro Escolar* da rua Larga, o partido republicano local afim de a commissão que foi a Lisboa entender-se com o governo ácerca da extincção do districto, dar conta do seu mandato, o que fez, dando em seguida por terminada a sua missão.

Antes dos assistentes se retirarem o sr. dr. Marques da Costa apresentou a seguinte moção, que foi approvada:

O partido republicano d'Aveiro reunido do seu *Centro Escolar* onde tantas vezes, em democratica confraternisação ou em momentos de perseguição e affronta aos seus ideaes e aos seus homens, se reuniu para lavrar o seu protesto, congratulando-se com a orientação patriotica e firme do governo da Republica, considerando todos os vexames soffridos no passado e todos os perigos para o futuro da Republica n'este districto, o mais opprimido pelo caciquismo politico no regimen que findou e considerando que os velhos republicanos não pódem continuar a ser affrontados, julga necessario e urgente uma politica energica e moralisadoura, que, sem vinganças, mas com justiça para com as pessoas do regimen deposto, dê uma prova da força, da cohesão e, sobretudo, da dignidade da Republica.

A farça na Commercial

Sobre o occorrido na Associação Commercial d'esta cidade, e que aqui referimos no nosso numero passado, corroborando quanto dissemos, recebemos a seguinte carta que reproduzimos:

...Sr. redactor

Lendo no *Democrata* umas referencias á minha pessoa a proposito do que se passou na assembleia da Associação Commercial, quando ali déra conta dos seus trabalhos a commissão que a Lisboa, junto dos poderes constituidos, fôra pugnar pela integridade do districto, tenho de esclarecel-o no seguinte: tendo-me encontrado no restaurante do theatro da Avenida, em Lisboa, com os cidadãos João Trindade e Joaquim Ferreira Felix, que como eu, fizeram parte da referida commissão e sendo por elles convidado a trocar impressões sobre o desempenho do nosso encargo junto com a commissão republicana, manifestei quanto estava satisfeito por tudo ter corrido bem.

Observaram-me, algum tanto contrariados pela minha opinião, que se não fosse a Associação Commercial nada se tinha feito porque esta, abafára a commissão representando os republicanos, instando para que eu dissesse do valor e merito dos que n'ella tomaram parte. Repellindo essa insinuação, affirmei e sustentei que quantos tinham constituido essa commissão, eram homens dignos e de caracter, e bem conhecidos dentro do partido que elles representavam. Retorquiram-me que os republicanos, mesmo para os seus correligionarios não eram francos e leaes, pois que da representação que a Camara enviára ao Governo, um dos seus membros, o cidadão José Marques d'Almeida, não tivera conhecimento.

Affirmei que tal referencia era gratuita, pois que o referido cidadão Marques d'Almeida, interrogado sobre esse boato, affirmára na presença de muitos correligionarios que era falso, pois tinha assistido á leitura e approvado o texto d'esse documento, excepção d'um ultimo periodo em que nada alterava o referido texto.

Continuaram estes cidadãos enaltecendo a Associação Commercial, affirmando que ella tem prestado á terra grandes serviços! Desconhecendo esses tão relevantes serviços, quando ha oito annos resido n'esta cidade, retorqui que essa Associação só tem sido um coio politico e que affastando-se do seu unico fim—a protecção e defeza do commercio—se afundára n'um mar de lama. Ia justificar a minha affirmativa quando a campainha interrompeu a nossa conversa e annunciava a continuação do espectaculo.

Era isto que eu queria referir á assembleia e mais alguma coisa, que V. por certo dirá, desenvolvendo este assumpto, quando o sr. presidente me coarton esse direito não me deixando chegar á justificação da minha affirmativa de que aquella casa nunca passou d'um coio politico. Perdeu o sr. presidente, a assembleia e eu, em não me deixarem fallar...

Saude e fraternidade.

Aveiro, 27 de Novembro de 1910.

Manuel Barreiros de Macedo.

A nós é que o sr. presidente não nos retira a palavra nem nos impede de fallar.

Sem duvida o sr. Barreiros completando com a sua carta o que na *chafarica*, violenta e arbitrariamente lhe não consentiram que dissesse, prova que só dentro da verdade discutia, só verdades referia.

Pois alguem, com razão, póde affirmar que a Associação Commercial tem sido outra coisa mais que um coio politico, nas mãos d'esses birbantes que com as suas inhabilidades e caprichos pessoaes e impoliticos teem até compromettido os interesses de esta terra, como foi e é de todos conhecido, no assumpto referente á escolha do local para a construcção da estação que a companhia norte e leste queria proceder na margem do canal de S. Roque e que as espertezas de Jayme Duarte Silva, e d'outros, estribados falsamente na Associação Commercial, *da minha presidencia*, como emphaticamente diz sempre o *senhor doutor*, impediram, sancionados pelo famigerado *thalassa* Vasconcellos Porto, procurador da *troupe* dentro da Companhia?

Quem ha ahi que nos desminta?

Então não foi essa Associação, que ácerca de dois annos, quando o rei aqui veiu trazido pelo conde d'Agueda, á custa de tanto sacrificio geral e particular, foi tambem no sorvedouro, dando até o ultimo ceitil existente no seu cofre, 150$000 réis, para um almoço á *magestade*, não se attendendo ás razões apresentadas contra tal resolução?

Não foi ainda mais uma vez a mesma Associação, que, quando da excursão republicana, querendo alguns socios protestar, dentro dos interesses que a mesma Associação tinha indeclinavel dever de proteger, contra as arbitrariedades dos *caciques* locaes, capitaneados pelo conde de Agueda, de tristissima memoria, ella pela pessoa dos seus socios franco-progressistas isso impediu, com grande escarceu na *Beira Mar* e *Progresso*, papeis escriptos e dirigidos pelos do conluio representados nas pessoas de Joaquim Peixinho e Jayme Duarte Silva, os *irmãos siamezes* cá do burgo?!!!

Mas, chegam-nos n'este momento ás mãos mais duas cartas—uma do sr. Francisco Picado que nos diz ter sido elle e não o presidente da assembleia quem propoz o voto de confiança a Jayme Duarte Silva, na ultima assembleia da associação—e fica feita a reetificação—e outra d'alguem que se insurge, e ainda bem, contra o actual estado de coisas e a qual publicamos na integra, pois entendemos que as suas palavras, envolvem seguro conhecimento do assumpto, pois é d'um socio que, com a sua auctoridade de interessado, vem levantar o grito de revolta contra o estado de coisas, das portas para dentro d'aquella casa.

Que os seus collegas attendam o appello e cumpram o seu dever elegendo quem de direito merece essa escolha, é quanto desejamos.

Segue a carta:

...Sr. redactor

A Associação Commercial e Industrial está reclamando a attenção dos verdadeiros commerciantes que precisam demonstrar por fórma energica que estão dispostos a entrar n'um periodo de luctas activas.

A 4 de dezembro realisar-se-hão as eleições dos corpos gerentes e é mister que se façam eleger para elles commerciantes democratas e honestos que tirem áquella corporação o caracter politico que hoje tem.

De longa data vem a Associação Commercial sendo um feudo politico franquista, como já a acoimou o *pasquim* d'Arnellas e o *Progresso*, com quem hoje estão de mãos dadas.

E, que o é, não resta a menor duvida. Desde a visita de D. Manuel a Aveiro que n'aquella casa se não faz senão uma constante politica, mais ou menos disfarçada, pois que os verdadeiros interesses commerciaes ninguem jámais os viu alli tratados, como é facil verificar pelas actas das assembleias geraes.

A celebre assembleia de 1 de julho do anno passado, quando foi da excursão dos republicanos portuenses, deixaram os politiqueiros, socios da Commercial, cahir descaradamente a mascara da hypocrisia regeitando uma moção de sympathia á cidade e commercio do Porto, que era tudo quanto ha de mais inofensivo!

Aquillo precisa uma limpeza radical. Urge varrer um grande numero de socios que, não sendo commerciantes nem industriaes, só ali apparecem quando se trata de politica.

Que fazem lá os srs. Fortuna, Antonio Carlos, Alexandre Ferreira da Cunha, Francisco Regalla, Francisco Rocha, Rebocho, Joaquim e Lourenço Peixinho, Padre Vieira, Silverio Magalhães, Florentino Ferreira, Anselmo M. da Silva e tantos outros que do commercio e da industria não fazem modo de vida?

Excepcionalmente, diz o § 1.º do art.º 4.º do estatuto, podem pertencer á associação os individuos que não sendo commerciantes ou industriaes se recommendem pela sua illustração e probidade.

Mas sendo a disposição do § 1.º de caracter *excepcional*, como a palavra claramente o indica, não póde e nem deve ter a latitude que se lhe tem dado na Associação Commercial, onde sem prigo de errar se contam mais de 30 socios n'estas condições! Estes socios, que bem são chamados de *reforço da chafarica* só servem alli para abafar com o seu voto parcial a vóz dos verdadeiros interesses commerciaes.

Haja vista o caso do dinheiro para as festas do rei, cuja votação foi coberta pelos famosos do *reforço*, etc. etc.

Um socio.

Manuel Dias Ferreira

Entre as nomeações ultimamente feitas pelo governo provisorio para cargos de confiança da Republica resalta sem duvida, como uma das mais acertadas e merecidas, a do nosso camarada, amigo e intemerato revolucionario, Manuel Dias Ferreira, para secretario da administração do segundo bairro de Lisboa.

Todos aquelles que, como nós, conhecem a sua modestia sem affectação, as suas faculdades de trabalho e, sobretudo, o brilhante concurso que o nosso amigo prestou á Revolução, já fazendo a propaganda no jornal, na palestra, na conferencia, já minando os quarteis n'um persistente trabalho de sapa e de cathedrisação, já ainda concorrendo para o desenvolvimento da carbonaria nos bairros de C. d'Ourique, Santa Izabel, Lapa e Alcantara, não pódem deixar de se congratular com a merecida distincção com que o governo o quiz honrar.

Manuel Dias Ferreira foi um dos chefes dos heroicos civis que, na madrugada gloriosa de 4 de outubro, sahiram do Centro Republicano de Santa Izabel para assaltarem o quartel de infanteria 16, cujos soldados não sahiriam para a rua sem esta temeridade praticada pelo elemento civil.

A elle, a Machado dos Santos, a Alberto Emilio Meyrelles, cabem a gloria de capitanearem os grupos que primeiramente soltaram em Lisboa o grito estridente da Revolução.

Merecida foi, pois, a homenagem que ha dias os seus ex-collegas dos escriptorios centraes da Companhia dos Caminhos de Ferro lhe dedicaram, confraternisando com elle, n'um banquete de despedida no Alliança-Hotel.

A nós, resta-nos, embora tardeamente, associamo-nos d'aqui a todas as provas de consideração e apreço com que tem sido honrado o nosso camarada, fazendo votos para dentro em breve o vermos na propaganda eleitoral para as Constituintes, na sua querida e saudosa Cacia.

MENSAGEM

Enviada por dois conceituados negociantes do Rio de Janeiro, recebeu ultimamente o illustre governador civil d'este districto a mensagem que nos apraz publicar para que se veja o grande enthusiasmo com que os nossos compatriotas acolheram, lá fóra, a proclamação da Republica Portugueza.

E' assim concedida:

Ao cidadão Albano Coutinho
Anadia

E' com a maior satisfação e enthusiasmo, que vimos apresentar-vos por este meio, como o mais antigo e dedicado republicano d'esse concelho, as nossas mais sincéras saudações pelo movimento revolucionario que acaba de convulsionar a alma portugueza, dando a esse paiz o ideal pelo qual luctava com tanto ardor e que gloriosamente terminou com a implantação da Republica.

Nada mais nos exalta o sentimento patrio e ao tempo nos commove a alma, do que, acompanhando as noticias diarias, vêr a coragem e o denodo dos combatentes revolucionarios, em que os republicanos cometteram actos heroicos, desprendidos de medo e arrostando a morte em pról do seu ideal.

Essa revolução cheia de heroicidade e de civismo, veio mostrar o valor do partido republicano e veio patentear á humanidade inteira que essa raça heroica de portuguezes, que outr'ora, em rasgos de audacia, ia abrindo ao mundo mares nunca dantes navegados, *iniciando essa série brilhante de descobrimentos, ainda se não extinguiu, porque o portuguez actual ainda possue o mesmo sangue varonil e nobre que em outros tempos nos fez collocar á frente das nações mundiaes.*

Assim como essa epopeia brilhante dos descobrimentos maritimos do nosso apogeu antigo teve esse immortal poeta Camões a immortalisal-a nas paginas luminosas dos Luziadas, *tambem esta revolução, que constituirá uma das paginas mais brilhantes da historia portugueza, ha-de ter esse vigoroso genio da raça latina, o grande Junqueiro, que em alexandrinos admiraveis de fórma e de belleza, irá patentear ás gerações vindouras, o caracter indomavel do heroico povo portuguez.*

Emfim terminou esse passado de ignominia e vergonha a que nos arrastou a casa de Bragança, terminou essa falta de brio e dignidade dos bandos politicos sem escrupulos e acabaram os adeantamentos, os assaltos ao Credito Predial, todas as falcatruas e roubos de toda a ordem que nos iam arrastando á miseria e quiçá á perda da nossa nacionalidade.

Vae surgir uma nova epocha de paz e prosperidade para esse povo nobre e livre, affirmando-se assim que Portugal tem todas as codições vitaes d'um grande povo, que saberá caminhar na senda do progresso.

E para quem duvidar d'esta affirmação, nada mais é preciso, do que patentear-lhe a administração do municipio de Lisboa e essa já brilhante série de decretos do Governo Provisorio, que tem grangeado a admiracão dos paizes civilisados, não só pelo grande alcance politico que encerram como por que tem dado satisfação ás modernas reinvidicações sociaes.

A nossa homenagem sincéra e vehemente a esse heroico povo de Lisboa, a esses martyres sincéros e dedicados, tombados para sempre, que não trepidaram em sacrificar a vida, para implantação d'essa nova nacionalidade—a Republica Portugueza.

Terminamos, apresentando-vos os nossos protestos da mais calorosa e sincera admiração.

Saude e Fraternidade

Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1910.

Antonio Seabra Moura
Ricardo Seabra Moura.

Da *Palavra* de quinta-feira, 22 de julho de 1909, n.º 35 do 38.º anno e na primeira pagina:

«Chamam a nossa attenção para um caso realmente grave, e que deve ser attendido por quem tem obrigação de o fazer visto que se trata d'um abuso inqualificavel, que nenhum governo deve consentir:

E' professor official do logar de Sarrazolla, freguezia de Cacia,

Aveiro, o sr. Vidal Oudinot, desde muito tempo conhecido pelas suas ideias avançadas e anti-religiosas, e onde está fazendo uma grande propaganda republicana.

Que elle tivesse taes ideias, mas não as exteriorisasse, podia-se tolerar, mas que elle como professor official, pago pela monarchia, faça semelhante propaganda, não se póde tolerar nem admittir.

Mas ha um caso que agrava mais ainda a situação do dito professor: ha tempo, o partido republicano fundou uma escola republicana para adultos, e sabem quem rege essa escola nocturna, no mesmo edificio? O dito professor Vidal. Como é que se póde admittir semelhante cousa? E o subinspector d'Aveiro tem conhecimento d'isto e não dá cavaco!!

O que é certo é que o professor tem tirado optimo resultado da sua propaganda.

Aquella rapaziada que frequenta a sua escola, entre os quaes alguns casados, estão todos republicanos. As creanças que frequentam a sua escola, já se divertem dando vivas frequentes á republica! Sendo aquella freguezia de Cacia, essencialmente monarchica, um baluarte do partido do sr. José Luciano, hoje está a caminhar para a republica d'uma maneira assustadora!

Isto, francamente, não se deve consentir n'um paiz monarchico.

Não queremos violencias contra ninguem, mas é preciso impedir tão descarada propaganda».

Barbara aggressão

Por uma injustificavel futilidade foi no meado da semana passada traiçoeira e violentamente aggredido, á paulada, por uns tres individuos, segundo se diz, o conhecido Germano de Mattos, arrendatario da quinta de St°. Antonio, que teve de recolher á cama em estado bastante grave.

A justiça tomou conta do caso achando-se preso o cocheiro Manuel Marques d'Oliveira sobre quem recae a principal responsabilidade do crime.

Transferencias

Foram reciprocamente transferidos os delegados do thesouro de Aveiro e Guarda, srs. Valerio de Figueiredo e Joaquim de Azevedo.

=Na Escola Normal d'esta cidade deu-se tambem a substituição da professora, sr.ª D. Maria da Luz Botelho dos Santos pela sua collega da escola de Vianna do Castello, D. Eugenia Simões.

Sessão extraordinaria da Commissão Administrativa d'Aveiro, de 28 de Novembro de 1910, 1.° da Republica.

Presidencia do cidadão Dr. André dos Reis. Assistiram o administrador do concelho, dr. Diniz Severo e os vogaes Alfredo Castro, Marques de Almeida, Francisco Picado, Pinho das Neves, Casimiro da Silva e Domingos Villaça, que entrou em exercicio prestando o respectivo juramento.

Acta approvada, em seguida ao que o cidadão presidente, lendo o decreto que manda considerar de gala o dia 1 de dezembro e realisar com a solemnidade possivel o culto da Bandeira, expoz o programma da festa a realisar de harmonia com o citado decreto, e pediu a auctorisação necessaria para fazer as despezas que a essa festa obriga.

A Commissão, approvando esse programma e dando pleno cumprimento ao decreto referido, auctorisou o seu presidente a occorrer áquellas despezas, que incluirá no proximo orçamento e a fazer a acquisição d'uma bandeira para hastear nos Paços do Concelho em todos os dias festivos, logo que esteja decretado o padrão escolhido pelo governo.

Exoneração

O sr. ministro da justiça acaba de exonerar o juiz de paz d'esta cidade, José Maria Barbosa, nomeando, para o substituir, o nosso amigo, sr. Luiz Antonio da Fonseca e Silva.

Tem paciencia, Zé Maria...

Gralhas

Foram muitas e de varias especies as que sahiram no n.° passado devido umas á falta de revisão, outras á pouca attenção com que os typographos fizeram as respectivas emendas.

Que os leitores nos relevem mais uma vez semelhante facto.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

PROPAGANDA REPUBLICANA

Na Oliveirinha

Tendo sido annunciado para domingo, 19 do corrente, um comicio na Oliveirinha, no qual tomavam parte, como oradores, o nosso collega Ruy da Cunha e Costa e dr. Diniz Severo, administrador do concelho, para alli se dirigiram pela 1 hora da tarde estes nossos amigos, que receberam da parte do povo d'aquella localidade uma carinhosa manifestação de sympathia ao chegarem á casa de escola onde teve logar o comicio.

Constituida a mesa, foi pelo presidente, sr. Vidal, dada a palavra ao

Dr. Diniz Severo

A assembleia acolhe-o com uma enthusiastica salva de palmas succedendo-se os vivas á Republica, Affonso Costa, Theophilo Braga, etc.

Logo que a multidão serena o dr. Diniz Severo sauda o povo da Oliveirinha na pessoa do professor Vidal e explicando a differença que existe entre monarchia e Republica ataca vivamente o jesuitismo como principal responsavel pela ruina da nossa patria, defendendo o clero nacional cujos direitos eram por elle postergados.

Aconselha o povo a instruir-se para que possa exercer conscientemente o direito de voto, não se deixando levar pelos *caciques* que abusam da sua falta de instrucção.

Termina pedindo que todos os presentes trabalhem para a consolidação da Republica com o desinteresse, a abnegação e o patriotismo de leaes republicanos e de sinceros portuguezes.

A assembleia acolhe este discurso com uma intensa e prolongada salva de palmas.

Em seguida é dada a palavra ao nosso collega

Ruy da Cunha e Costa

Logo que lhe é possivel fazer-se ouvir, começa por dizer que se já lhe era grato o fallar ao povo da Oliveirinha, a circumstancia de se achar n'aquelle templo da sciencia e da luz, que era a escola primaria, dava-lhe animo para se desempenhar da sua difficil missão que a outro devia ter sido confiada, para que com mais competencia expuzesse ao enorme publico que o escutava o que tem sido a obra da Republica no curto espaço de um mez.

Diz que a historia da revolução de 5 de outubro, escripta com o sangue de meia duzia de bravos que heroicamente se bateram nas ruas de Lisboa ha-de consignar o facto de que a esse acto de bravura e de heroismo correspondeu o povo portuguez com a serenidade propria de um povo generoso e bom. E a Republica que agora nasce como nos campos e á beira da estrada nascem as papoilas e os malmequeres precisa de ser regada com o suor do nosso trabalho para que cresça e desabroche.

E'-nos impossivel acompanhar o orador que depois de falar 3 quartos de hora, e deixando-se levar pela multidão que o acclamava a cada passo, termina por um vibrante viva á Republica que os assistentes acompanham com enthusiasmo.

Depois de um ligeiro copo de agua que gentilmente lhes foi offerecido pelo sr. Vidal, dirigiram-se os nossos amigos para Eixo onde ás 6 e meia da tarde se devia realisar outro comicio.

Em Eixo

Effectivamente e pouco depois d'aquella hora, já o theatro da villa se achava repleto de povo que a todos os instantes victoriava a Republica e os seus homens.

Proposto para presidente o dr. Eduardo Moura, explica o fim d'aquelle comicio, em seguida ao que concede a palavra ao

Dr. Diniz Severo

que é recebido com uma salva de palmas. Diz o que foi a monarchia dos adeantamentos e do Credito Predial, tendo palavras de louvor para o povo da terra ao qual elle dedica a mais sincera estima pois que em breve espera vel-o emancipado da tutella aviltante do *caciquismo* local. Refere-se ainda á interferencia da Republica na religião dizendo que ella respeita todas as crenças, mas não admitte a imposição de nenhuma.

E' christão, mas combate aquelles que d'ella se servem para explorar a ignorancia do povo.

Termina por um viva á Republica intensamente correspondido por todos os assistentes. Falla em seguida o nosso collega

Ruy da Cunha e Costa

Disseram-lhe ha pouco que aquelle theatro era propriedade da casa de Bragança. Tanto melhor para elle pois que teria muito prazer em dizer mal do rei, do principe e das rainhas em sua propria casa. Isto dava-lhe a impressão de que atacava os seus inimigos de frente o que era muito mais democratico do que anavalhal-os pelas costas. Em seguida analysa a obra da monarchia dizendo que só no partido republicano encontrou aquelle exemplo de desinteresse e de patriotismo que era a sua maior força e o seu principal galardão.

Disse que estes comicios tinham por fim levar ao povo o conhecimento dos factos que deram origem á proclamação da Republica, indicando-lhe a orientação que deve seguir em face das novas instituições.

Diz que o partido republicano congregará todos os elementos populares que dantes acompanhavam os *caciques* por inconsciencia e não por um espirito de ganancia que só é explicavel nos proprios *caciques* e que está convencido de que esses monarchicos de outr'ora serão mais tarde o maior sustentaculo da Republica. Apella para o patriotismo de todos os presentes e termina por um viva á Patria Portugueza.

A assembleia rompe com uma estrepitosa salva de palmas levantando repetidos vivas á Republica, a Magalhães Lima, á Revolução etc., em seguida ao que tudo dispersa na melhor ordem retirando os nossos amigos para Aveiro immensamente satisfeitos pelo acolhimento que tanto em Oliveirinha como em Eixo, o povo lhes dispensou.

* * *

Depois d'amanhã domingo, terá logar na casa da escola da visinha freguezia de Arada, uma sessão em que devem usar da palavra os nossos dedicados correligionarios, dr. Alberto Ruella, Ruy da Cunha e Costa, Alberto Souto, dr. André dos Reis e dr. Diniz Severo, para solemnisar a proclamação da Republica.

Os convites ao povo, para assistir, são feitos pela Commissão Parochial Republicana e membros da Junta de Parochia.

Loteria do Natal

E' este anno de 260:000$000 réis a loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa cuja extração deve ter logar no dia 23 de dezembro proximo.

Chamamos a attenção para o annuncio que vae adeante.

Uma representação de Sever do Vouga

Na segunda-feira ultima veio ao Governo Civil uma grande commissão da camara de Sever do Vouga e respectivas juntas de parochia, da camara e junta de parochia d'Albergaria a Velha, apresentar ao sr. Albano Coutinho uma representação dirigida ao illustre Ministro da Justiça. Na representação, a commissão delegada põe em destaque a triste situação a que o caciquismo do regimen monarchico nunca deu uma solução, consoante os principios de justiça e conveniencia d'aquelles povos, pois que pertencendo Sever judicialmente a Agueda, elles viam-se na necessidade de passarem por Albergaria e percorrerem 15 kilometros até áquella villa!

O sr. Governador Civil que já conhecia a enorme violencia que tem sido feita áquelle concelho, prometteu sincéramente patrocinar o seu pedido que é de toda a justiça.

E do theor seguinte a representação dos povos de Sever:

Ex.mo Sr. Ministro da Justiça

A Commissão Municipal Republicana do concelho de Sever do Vouga e as commissões parochiaes de Cedrim, Couto de Esteves, Paradella, Pecegueiro, Rocas e Sever, do mesmo concelho, deliberaram representar a V. Ex.ª pedindo a creação de um julgado Municipal e a sua annexação para os effeitos judiciaes á comarca de Albergaria-a-Velha.

A justiça da causa que os supplicantes advogam perante V. Ex.ª é evidente como passam a demonstrar:

O concelho de Sever do Vouga, nunca, em boa justiça, devia pertencer judicialmente a qualquer das visinhas comarcas porque de todas fica muito distante e da séde da comarca d'Agueda á freguezia de Couto de Esteves são mais de 50 kilometros, de Oliveira de Frades á freguezia de Silva Escura são mais de 40, de Oliveira de Azemeis á freguezia das Talhadas, mais de 50 e de Albergaria-a-Velha á já dita do Couto de Esteves, 35 acrescendo a estas distancias a falta de boas vias de communicação, o accidentado dos terrenos e a cintura de terras que envolvem este concelho.

Pelas razões expostas todas verdadeiras devem os povos d'este concelho ser beneficiados, além da creação do julgado municipal, com a sua passagem para os effeitos judiciaes para a comarca d'Albergaria-a-Velha que como acima se demonstra, é a que lhe fica mais proxima.

O que não deve de maneira nenhuma continuar é o estado actual, pois os habitantes d'este concelho para chegarem *á séde da sua actual comarca, Agueda, tem de atravessar a Villa d'Albergaria-a-Velha e percorrer mais 15 kilometros!*

Este concelho tem soffrido esta violencia para satisfação de interesses e vaidades dos caciques da monarchia, mas agora que a Republica terminou com estas nocivas influencias, espera-se que o novo regimen de que V. Ex.ª é dignissimo representante, satisfará os justos desejos d'estes povos.

Os peticionarios confiados na justiça da sua causa esperam que V. Ex.ª defira o seu pedido.

Sever do Vouga, 26 de novembro de 1910.

Eduardo Arvins, Joaquim Luiz Pereira, José Martins Pereira, José Pereira de Mattos, Virgilio Dias de Miranda, Augusto Ferreira Cardoso, Alexandrino de Bastos, Joaquim Marques Guerra, Leandro José da Costa, José Maria Barbosa d'Almeida.

Livros, Revistas & Jornaes

«Archivo Democratico»

Sahiu agora o n.° 23, correspondente a novembro findo.

Em *separata*, a photographia do sr. dr. Alfredo de Magalhães, illustre governador civil do districto de Vianna do Castello.

Nas oito paginas do texto encontram-se os seguintes artigos: *Alfredo de Magalhães* (artigo biographico), por Thomaz da Fonseca; *A Republica Portugueza*, (com photogravura); *A questão social*, por Constantino de Brito; *Miguel Bombarda e Candido Reis* (com photogravura); *A obra de Ferrer*, por Virgilio Marques; o *2.° Congresso Nacional do livre pensamento*, por Martins Monteiro.

Para o numero 24, a sahir este mez annuncia a photographia do Marechal Hermes da Fonseca, cujo perfil é traçado pelo jornalista Carvalho Neves.

A redacção do *Archivo Democratico* é na rua Garrett, 36—Lisboa.

«Mutualidade Infantil»

Offerecida pelo *Nucleo da Liga Nacional de Instrucção* de Paço d'Arcos, temos sobre a meza um folheto com a conferencia, impressa, da sr.ª D. Ilda Jorge subordinada ao tema *Mutualidade Infantil* e que é prefaciada pelo, eminente escriptor portuguez Theophilo Braga, actual presidente do governo provisorio da Republica.

O trabalho da sr.ª D. Ilda Jorge, que muito apreciámos, expõe-no o *Nucleo* de Paços d'Arcos á venda, ao preço minimo de 100 réis cada exemplar, revertendo o producto em favor da sua *bolça escolar*.

«O Brado»

Principiou a publicar-se em Ilhavo, com este titulo, um semanario independente, que tem por director o sr. Ulysses Ferreira Nação.

Longa vida.

Ao povo de Paiva

Cumprindo as deliberações do Directorio, a Commissão Municipal Republicana, resolveu, por espaço de oito dias, pôr os livros de inscripção em casa dos cidadãos:

Nicolau da Cunha Lobo	Fornos
Alfredo Augusto Ribeiro	Sobrado
Raymundo Rodrigues Rebello	Real
Rodrigo de Freitas Carreirosa	Bairros
Joaquim L. M. Cravo Junior	Sardoura
Antonio da Costa Nunes	S. Martinho
José Francisco da Costa	Paiva
Adriano Alves Macedo	Pedorido
Antonio Pinto da Rocha	S. Pedro

Terminado este espaço de tempo proceder-se-ha á eleição das differentes commissões.

Castello de Paiva, 23 de Novembro de 1910.

A Commissão Municipal Republicana.

A todos os nossos assignantes rogamos o favor de nos avisarem sempre que mudem de residencia e bem assim de fazerem acompanhar todas as suas reclamações do n.° da cinta do jornal.

Communicado

Amigo Arnaldo Ribeiro

Como se têm suscitado questões a meu respeito, nas quaes alguem quer insinuar (por espirito malévolo ou por erroneas conclusões) que as minhas convicções eram e ainda são monarchicas, venho pedir-lhe o obsequio, que jamais esquecerei, de me dar um logar nas columnas do seu conceituado jornal, a fim de me explicar, defender e justificar, perante o honrado e digno povo republicano d'Aveiro.

Carta aberta aos republicanos d'esta cidade

Cidadãos:

Começarei por vos dizer que poucas vezes me tenho envolvido em politica, e essas mesmas de modo insignificante, por que insignificante é o meu valor. A primeira vez que o fiz (em 1910) tinha eu chegado, havia poucos mezes, da Africa, aonde uma série de desgostos me tinha arrastado. Na minha freguezia (Soza) como em todo o concelho de Vagos, predominava o *progressismo*. Póde dizer-se mesmo, sem receio de se cahir em erro, que Soza constituia um feudo odiento dos *senhores d'Agueda*. Republicanos não os havia e creio mesmo que a palavra *Republica* era quasi desconhecida do rude povo d'essas laboriosas aldeias, onde tanto dominava o *caciquismo*, e onde pouco (para não dizer nada) se lê. Procedia-se então ás eleições para deputados e andavam em renhida lucta os dois partidos monarchicos—*progressista e regenerador*. Fui instado d'ambas as partes para *trabalhar*, desculpando-me eu sempre com a nulidade da minha importancia pois que nem voto tinha! Accedendo finalmente ao pedido d'um regenerador a quem devia favores meramente pessoaes, pois que politicos nunca os devi a ninguem, apezar de por vezes pedir qualquer emprego, mercê de me querer ver livre de coisas com que me não conformo e que até me chegam a repugnar.

N'esse mesmo anno vim para Aveiro matricular-me no lyceu, e a mudança de meio trouxe-me, como consequencia a comprehensão nitida do miserando estado do nosso Paiz e com ella a radicação e desenvolvimento dos sentimentos democraticos que já possuia em germen. Longe d'aquelles de quem dependia eu pude expandir livremente esses sentimentos e creio até, mas não afirmo, que foi no *Democrata* que eu fiz a minha *profissão de fé*, profissão que confirmei mais tarde n'um artigo que escrevi sobre a morte de Ferrer. Cheguei mesmo a combinar com o estudante Vidal a formação d'um centro em Vagos, ideia que não chegámos a pôr em pratica por diversos motivos, sendo sem duvida o mais importante, a minha mudança de casa. Parecerá isto um disparate inqualificavel e comtudo é a realidade.

Mudei para casa d'uma senhora que está ligada por afinidade á minha familia e cujos sentimentos desconhecia por completo.

Em successivas conversas superfluas, eu fui, ingenuo e quasi que inconscientemente, dando a perceber quaes as minhas ideias, o que tanto bastou para que fosse considerado, eu sei lá, um malvado impio!... E ainda mais: fui accusado áquelles de quem dependo. A Republica para o seu tacanho espirito era a maior calamidade que podia sobrevir a Portugal, e os republicanos eram a escória da sociedade; homens sem honra nem dignidade, que o que queriam era comer sem trabalhar, etc., etc. resultando improficuos os meus argumentos no intuito de lhe demonstrar que a Republica era a ordem, a moralidade, a perfeita harmonia entre o povo e o governo. Respondia-me invariavelmente que não queria republicanos em casa e o mesmo ia dizer á minha familia. Vi-me coagido a suffocar no peito, por muitas vezes, o grito da minha consciencia! Oh! em que inferno vivi por algum tempo! Que de desgostos se juntaram aos que já me afligiam! Quantos dias passados quasi sem comer! Oh! meus senhores! sou mais digno de lastima do que de censura; creiam-o. Tenho sido e continuo a ser, emquanto o destino assim o quizer, uma infeliz victima d'um fanatismo degradante... Muitos dos que me lêm, bem o sabem.

E na ancia de me libertar d'esse fanatismo, confesso-o e juro-o pela minha honra, transiji mais apparente do que realmente, com os que conduziram a nossa querida patria á derrocada em que o *libertador regimen* a veio encontrar em 5 d'outubro. Se eu fosse independente, teria posto desde ha tempo o meu limitadissimo prestimo ao serviço da santa causa d'um povo que queria ser livre e que o conseguiu finalmente á custa de muitos sacrificios. E se não o accreditaes eu appelo para o testemunho insuspeito do cidadão Joaquim dos Reis Neto, que na noite de 6 d'outubro, teve occasião de ver uma pequena amostra do que afirmo. Porém se não pude collaborar d'um modo continuo e proficuo na proclamação da Republica, posso com tudo render-lhe a homenagem sincera d'um crente; posso ainda derramar até á ultima gotta, o meu sangue (tributo que todo o cidadão deve á santa causa da liberdade) pela sua consolidação, por que é com o sangue, meus senhores, que as liberdades alcançadas pelo povo, costumam ser cimentadas.

Eu, desconfio da sinceridade de muitos adherentes. Parece que uma voz intima me segreda a cada momento, que as adhesões precipitadas de certos vultos da monarchia, obedecem a um plano verdadeiramente satanico. Elles hão de procurar, por meios a que a intriga não será indifferente, lançar a discordia entre os verdadeiros republicanos; os fins, facilmente se deprehendem.

E' possivel que me engane e oxalá que sim, mas nunca será de mais que o historico partido republicano, mantendo a sua integridade, pois que a união faz a força, fique de atalaia á espera do peior.

Eu sei que é preciso o concurso de todo o cidadão válido na ardua tarefa de sanear este corpo já em parte gangrenado, mas que esse concurso seja sincero e desinteressado. Certamente que aquelles que ainda hontem estavam eivados de vicios tão perniciosos não podem hoje estar aptos para auxiliarem esse saneamento; e a razão é simples: o vicio, quando enoculado no sêr, difficilmente d'elle se extrae, e quando a sua extração importa o prejuizo dos proprios interesses, então meus senhores, será melhor nem pensar em tal, porque todo o trabalho será inutil.

Mas, voltando a reatar o fio do assumpto que me levou a escrever estas linhas e que considerações varias interromperam, declarar-lhes-hei, meus senhores, que se as minhas convicções fossem monarchicas não assignava, ha seis mezes um jornal republicano, o *Democrata*, nem tão pouco era socio, ha já mezes tambem, d'um centro republicano. Oh! meus senhores! não é o vil e mesquinho interesse que me impulsiona a escrever estas linhas: eu apenas desejo que me considereis o mais humilde elemento do partido em que melitaes, prompto sempre a acompanhar-vos nos transes mais dolorósos.

Aveiro, 15—11—1910.

Casimiro d'A. Barreto.

Agradecimento

João Augusto Rosa, grato a todas as pessoas que o distinguiram com a sua presença na *gare* do caminho de ferro tanto á ida para o Funchal como, depois, no seu regresso a esta cidade, dando-lhe assim um publico testemunho de amisade, vem por esta forma agradecer essa deferencia significando a todos a sua indelevel gratidão.

Aveiro, 1 de Dezembro de 1910.

CORRESPONDENCIAS

Palhaça, 28

Realisou-se hontem uma conferencia em Nariz a que teria assistido um bom numero de pessoas se não fosse a imposição do sr. Manuel Silvestre, que fóra da casa da aula, onde ella teve logar, capitaneava um grupo de rapazes que impediram a entrada, sem attenções de especie alguma.

Este incorreto procedimento causou a maior indignação ao sr. Cunha e Costa que uma vez na tribuna, cheio de cholera, cahiu a fundo sobre o sr. Silvestre e a defunta monarchia, de uma maneira tal, que estamos convencidos de que os individuos de Nariz, que se achavam presentes, não mais estarão ao lado d'aquelle infeliz *cacique* predial.

Depois, um pouco mais socegado, o sr. Cunha e Costa apresentou algumas verbas gastas em passeios pela familia real, desfalques na casa da moeda, etc. Alludiu á pessima administração da monarchia, dizendo que o thesouro era um boi assim dividido: para os progressistas, a carne do lombo; para os regeneradores, a da aba; para os dissidentes, as unhas e para o paiz, um corno!

A divisão pareceu tão bem feita que o sr. Cunha e Costa teve de esperar algum tempo para continuar a fallar depois de terminadas as palmas e rizos dos assistentes.

O sr. Cunha e Costa disse voltar a Nariz n'outra occasião para dizer mais desenvolvidamente o que tem a dizer.

=A commissão parochial ficou composta com elementos regeneradores, pela razão de não haver em Nariz um unico republicano.

=A junta parochial da Palhaça tratou hontem do seu orçamento para 1911, destinando o vedamento da feira, que será de ferro, aterro e valetas empedradas dentro do local do mercado. Boa ideia. E nada de temer aquelles que sómente por conveniencia propria, dizem sapos e lagartos do emprego do dinheiro no vedamento por muro e gradeamento e pelo mesmo sitio do vedamento provisorio. Assim o tivessem feito esses heroes de ha meia duzia d'annos.

C.

Pará, 6

A bordo do vapor allemão *Rio Pardo* chegou aqui, vindo de Esgueira, (Portugal,) o nosso querido amigo e correligionario, sr. Francisco da Silva Castro, a quem tivemos a honra de abraçar.

Este nosso amigo que teve a felicidade de assistir em Portugal á proclamação da Republica, chegou de perfeita saude.

=Em vista do actual governo portuguez ter expulsado os jesuitas de Portugal, os brazileiros lembráram-se de atacar de noite, á pedrada, o convento dos Capuchinhos, proximo a Santa Izabel, pelo que o dicto convento esteve guardado pela policia.

=Um *thalassa* qualquer teve

o arrojo de publicar na *Folha do Norte* do dia 3 e 4 do corrente, uma porção de asneiras, ameaçando quebrar a cabeça a qualquer republicano que se atrevesse a tirar o escudo do consulado portuguez.

Para o que lhe havia de dar! Pobre pateta!...

C.

Pinheiro, 29

A espectativa geral do paiz ante o governo perante a instrucção, continua e continuará por largo tempo a preocupar os que se interessam por esse importante problema, que já em tempo alludimos levemente nas nossas humildes e despretenciosas correspondencias.

Bem sabemos que não é com a cooperação d'um modesto correspondente d'aldeia, como eu, que se ha-de fazer passar os nossos estabelecimentos de ensino por uma reforma capaz de transformar por completo, como é indispensavel, o ensino em geral, e nivelal-o ao dos outros paizes, mais instruidos e civilisados como a Suissa, França, Allemanha etc.

A grande commissão nomeada pelo governo da Republica, para propor a reforma do ensino, deverá procurar como base do seu importante trabalho, a doutrina que vem das palavras d'um grande batalhador pela instrucção—Julio Ferry—cujo talento patriotismo e virtudes assombraram o mundo intellectual. Disse esse homem: *a escola nacional deve ser a escola laica neutra e gratuita,e xatamente porque ella é a escola nacional.*

E' esse verdadeiramente o seu alicerce de bronze.

O mesmo grande espirito quando em 1870, combatendo a existencia perniciosa do imperio que levava já a patria franceza, á affronta humilhante de Sédan, como a monarchia desvergonhada de Portugal, pretendia entregarnos ao estrangeiro, ainda sobre o gravissimo problema do ensino, dizia esse homem: *eu fiz a mim proprio um juramento; entre todas as necessidades do tempo, entre todos os problemas, eu escolherei um, ao qual consagrraei tudo o que eu tênho de intelligencia, tudo o que eu tenho de alma, de coração, de poder phisico e moral; a educação do povo!*

Hoje, em 1910, ha mais ainda. Paizes, onde peia instrucção, se creou um culto, como no Japão, a lei consigna que onde chegar ou passar forças militares, os seus commaudantes vão saudar em primeiro logar, o mestre da escola, seguindo-se depois as auctoridades.

Que edificante exemplo!

Que prova evidente de quanto se comprehende. a força que d'esse heroico obreiro dimana para a nação, no seu grandioso mister!

Mas... esperemos.

Na memoria de todos está ainda o écco de tanta batalha travada pelos republicanos, contra a monarchia, pelo seu desamor á instrucção.

E' fé nossa que toda essa lucta passada, de tantos sacrificios feitos, o governo e a sua commissão respectiva não devem descurar o assumpto, e do seu trabalho certamente alguma cousa ha-de resultar de proficuo de util e de patriotico.

Ha-de attender-se por certo á proporção d'alumnos para cada professor respectivamente, pois, o absurdo d'hoje deve acabar como absolutamente prejudicial, visto que apezar de todos os predicados e boa vontade do professor este, ainda que com ajudante, não pode ministrar beneficamente e a todos, o ensino preciso a 80 e 100 creanças, como succede em muita escola.

A selecção do prefessorado impõe-se.

Muitos ha que não estão á altura do seu cargo e o mau desempenho d'elle actualmente, representa apenas as consequencias do *caciquismo* d'então.

Infelizmente estes exemplares abundam e consigo trazem uns poucos de prejuizos.

Sem outro intuito, estas simples considerações, se assim se podem chamar, nascem do intimo desejo de quem comprehende que a instrucção é a mais poderosa alavanca do progresso d'uma nacionalidada, e conseguindo-a terá o governo conquistado a sua maior victoria; e, querendo uma Democracia austera e forte, ha-de transformar a alma do povo, com a scentelha divina e pura da educação!

==As ultimas chuvas avolumaram o manso e poetico Vouga, fazendo-o já inundar os campos marginaes.

==Felizmente está já restabelecido dos seus encommodos o dr. Lemos, medico muito querido d'estes povos pelo seu saber e virtudes.

Felicitamol-o muito intima e cordealmente.

C.

Concurso

A Camara Municipal do concelho de Vagos, faz publico de que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do logar de Escrivão da Secretaria d'esta Camara, com o ordenado annual de 180$000 réis, e competentes emolumentos.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaria da mesma Camara, dentro do referido praso e em forma legal, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos por lei.

Vagos, 17 de Novembro de 1910.

O Presidente,

João M. Correia da Rocha.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

Director—RIBEIRO DE CARVALHO

"A Egreja e a Liberdade,,

Acaba de iniciar a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma *Bibliotheca de Educação Moderna*, destinanada a fazer conhecer, em portuguez, as obras mais sensacionaes que forem apparecendo, em todos os paizes, sobre as questões politicas religiosas que estão transformando a actual organisação social.

E o livro com que foi inaugurada a Bibliotheca não podia ser de mais ruidoso exito. Trata-se de *A Egreja e a Liberdade*, ultima obra de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, que tão grande voga teve entre nós.

O novo livro *A Egreja e a Liberdade*, agora traduzido em portuguez, é a historia das perseguições religiosas e da intolerancia sacerdotal, indo desde a Biblia até aos nossos dias—historia amassada em torrentes de sangue,em crueldades e morticinios tremendos. Commove-nos, quando narra as tragicas torturas da Inquisição. Enchanos de indignada surpreza, ao traçar o quadro da devassidão clerical na Roma dos Papas. Dá-nos uma ideia do que é a organisação da mais poderosa associação catholica, a Companhia de Jesus, quando nos mostra que foram os proprios jesuitas os auctores e mandatarios de varios regicidios, porque até o assassinio defendem e prégam, se é conveniente aos seus secretos interesses.

"Socialismo Anaquismo,,

E' este o titulo do segundo volume da Bibliotheca. Constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes. Pederiamos d'ar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos esses assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miseria—A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios—O casamento sem auctorização paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo catholico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo—**A** sua origem e os seus diversos systemas—O que querem os anarchistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspirações dos verdadeiros revolucionorios—O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os martyres do anarchismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarchia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

"Descendemos do macaco?,,

O terceiro volume é tambem um livro, interessantissimo, com este titulo: **Descendemos do macaco?**

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: **Descendemos do macaco?**

Affirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel desceder d'um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: **Descendemos do macaco?**

—(*)—

Preço de cada livro: brochado, **200** réis. Magnificamente encadernado em percalina, **300** réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa e Brazi. Pedidos á **Livraria Internacional**, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.